

# CORRESPONDÊNCIAS A JOÃO RAMOS (LÍDER DO CLUB CUPIM): TRADIÇÕES DISCURSIVAS E ESTRATÉGIAS DE VERBALIZAÇÃO NO CENÁRIO ABOLICIONISTA PERNAMBUCANO DO SÉCULO XIX

Ana Elizabeth Bonifácio de Moura <sup>1</sup>  
Valéria Severina Gomes<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar as estratégias de verbalização em tradições discursivas utilizadas em um cenário de luta e de resistência do século XIX. O aporte teórico deste estudo baseia-se no modelo de Tradição Discursiva, com Castilho, Andrade e Gomes (2018), Gomes (2007), Kabatek (2005; 2006 e 2012), Koch (1997) e Longhin (2014). O corpus é formado por 30 correspondências, datadas de 1881-1888, destinadas a João Ramos, líder abolicionista pernambucano. Neste recorte, constam cartas de amigo, cartas institucionais e bilhetes, com as suas respectivas tradições discursivas e formas linguísticas de proximidade ou distância comunicativa. Os resultados deste estudo evidenciam a finalidade comunicativa das correspondências (cartas pessoais, cartas institucionais e bilhetes) e a tradição discursiva na composição de cada tipo no cenário abolicionista pernambucano. Por meio de correspondências quase diárias enviadas a João Ramos é que se demonstra a força dos movimentos abolicionistas pernambucanos do século XIX. Diante disso, parte-se para a análise das Tradições Discursivas identificadas

- 1 Graduada do Curso de licenciatura no curso de LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS- UEDT da Universidade Federal - UFRPE, bethbonifaciomoura@gmail.com.
- 2 2 Professora orientadora: Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Professora do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), valeria.sgo-mes@ufrpe.br

nas correspondências, discutindo os elementos constitutivos das cartas: local, data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto e despedida. O local e a data fazem parte dos traços mais fixos da carta, bem como o vocativo, que marca textualmente o interlocutor; a captação de benevolência pode aparecer em qualquer parte da carta, mas é mais frequente na abertura ou na conclusão; no corpo ou núcleo da carta é onde se encontra o motivo pelo qual a carta foi escrita; a despedida geralmente é elaborada numa constituição formulaica e com a assinatura do escrevente. A relação entre os interlocutores e a estrutura retórica tradicional das cartas de amigos e dos bilhetes revelam traços de proximidade comunicativa e das cartas institucionais a distância comunicativa.

**Palavras-chave:** carta, historicidade, tradição discursiva, sócio-histórica.

## INTRODUÇÃO

A origem da carta está relacionada à própria necessidade do homem em se comunicar, uma vez que a comunicação é um processo fundamental em qualquer sociedade. Os primeiros contatos do ser humano com a escrita e a transferência de informação para os seus descendentes vieram por meio de hieróglifos, “rabiscos” nas paredes das cavernas. Mais tarde, o homem aperfeiçoou a técnica da escrita e, com isso, surgiram as cartas, meio de comunicação muito utilizado até os dias de hoje, com menos frequência, evidentemente, em relação ao passado. O fato é que, desde sempre, os mais variados assuntos foram escritos e compartilhados através das missivas. No Brasil, as cartas chegaram junto com os primeiros portugueses. Quando a esquadra de Cabral aportou, Pero Vaz de Caminha enviou uma correspondência ao rei, comunicando a chegada em novas terras. Embora não possuísse a mesma representatividade comunicativa que possuía no passado, devido ao surgimento de novas formas de comunicação que dão prioridade à rapidez, a carta é muito apreciada como fonte documental para os estudos sócio-históricos da língua. Ela tem concepção escrita e carrega traços de concepção da oralidade, relacionados à proximidade comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2007).

As cartas correspondem, em sua essência, a um turno de uma conversação em ausência: é a “fala” registrada de um remetente que interpela seu destinatário. A resposta não é imediata, pode demorar dias ou meses (a depender do período histórico em que o texto foi produzido). Em termos de sua função sociocomunicativa, pode-se dizer que ela tem por objetivo “estabelecer a comunicação entre ausentes” (MARCOTULIO, 2010, p. 77). A carta vai além da função comunicativa, ela é um importante documento e fonte de memória histórica, estabelece um diálogo formal ou informal sobre assuntos de relevância pessoal ou coletiva.

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 30 correspondências que circularam no Estado de Pernambuco no século XIX. A documentação está disponível no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP).

Para o desenvolvimento do estudo, foi realizado o levantamento bibliográfico, baseando-se em dois fundamentos teóricos: (i) a Tradição Discursiva, para auxiliar na identificação dos elementos constitutivos das correspondências; (ii) a Linguística Sócio-histórica, que auxilia na reconstituição e análise das estratégias de verbalização de acordo com a história social dos escreventes. Através das cartas, pode-se construir conhecimento sobre o contexto sócio-histórico,

haja vista que revelam fatos importantes sobre quem as escreveu, o local de produção, quando as escreveu e sobre a linguagem empregada (TRAVASSOS; FERREIRA, 2012). A reflexão sócio-histórica da língua também se faz presente no processo contínuo entre a historicidade do texto e da língua, a qual se releva nas diferentes situações comunicativas ao longo do tempo. Diante dessas considerações, parte-se para a análise da tradição discursiva carta, discutindo os seus elementos constitutivos e as estratégias linguístico-discursivos pertinentes à documentação produzida no cenário abolicionista pernambucano, no século XIX.

Espera-se ampliar em quantidade os registros sócio-históricos, a partir do recorte nas correspondências destinadas a João Ramos. A tradicionalidade nas cartas pode ser encontrada em sua macroestrutura, na medida em que há uma forma/arranjo que se repete. As seções de saudação e despedida são recorrentes e tendem a ser espaços mais formulaicos. Neste caso, a tradição discursiva é constituída por formas de fechamento, saudação e de tratamentos nas cartas. A análise desta amostra identificou cartas de amigo, carta institucional e bilhetes que relatam a luta pela abolição dos escravos na província de Pernambuco. Cada gênero guarda especificidades quanto à forma de tratamento da época, às estratégias de verbalização empregadas na modalidade escrita. Considerada por Bakhtin (1997, p.325) como gênero discursivo primário, por se configurar como uma circunstância espontânea de comunicação verbal, situada em um tempo e espaço determinados, em um contexto em que há um remetente, um destinatário e um tema. As cartas de amigo, do século XIX, são bem diversificadas, com a presença de expressões formulaicas de despedida, de expressividade emocional marcada pelo uso linguístico. Outro gênero que compõe as correspondências deste *corpus* são os bilhetes trocados entre amigos, com o diferencial de mensagem mais curta na composição, muitas vezes sem identificação de local e data. Eles são empregados em contextos informais e escritos entre pessoas que possuem um grau maior de proximidade. Os bilhetes são textos comunicativos, com mensagens simples, os quais são escritos em pequenos papéis, textos breves e enviados para amigos, irmãos, dentre outros, utilizando uma linguagem informal e coloquial, tendo como principal função a informativa e demonstra marcas de proximidade. Ainda que ambos sejam textos do cotidiano, os bilhetes diferem da carta, sobretudo, por ser um texto breve e que eram entregues passando de mão em mão, por meio de portadores, mantendo o sigilo necessário em um contexto de conflitos abolicionistas.

## APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO

A metodologia desse estudo foi dividida em cinco etapas. A primeira etapa foi o *aprofundamento teórico*, que contou com o aporte do modelo de Tradição Discursiva, auxiliando na identificação dos vestígios de mudança e os traços de permanência das cartas (ANDRADE; GOMES, 2018; KABATEK, 2004; 2006; 2018; KOCH, 1997; LONGHIN, 2014), e da Linguística Sócio-histórica, com Lopes [et. al.] (2017), Mattos e Silva (2008).

A segunda etapa foi organizar o *corpus*, de acordo com cada tipo de correspondência. São sete bilhetes, três cartas enviadas por outras associações abolicionistas e vinte cartas de amigos. Foi feito o levantamento do *corpus* coletado no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP), conteúdo correspondências digitalizadas e compartilhadas em uma pasta no drive do historiador Dirceu Marroquim. Foi selecionada uma amostra composta por 30 correspondências, que foram transcritas de acordo com as normas do projeto nacional Para História do Português Brasileiro (PHPB).

Na terceira etapa, o *tratamento do corpus*, foi dado início ao processo de transcrição dos documentos, seguindo as normas de edição de manuscritos e impressos propostos pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB) e disponível em Castilho (2019, pp. 7-11), optando, assim, por uma edição semidiplomática das cartas. Na quarta etapa, a *análise qualitativa dos dados*, foram identificados, nos três tipos de correspondência (carta de amigo, carta institucional e bilhetes), os seus respectivos traços de tradicionalidade e as estratégias de verbalização utilizadas nas correspondências.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a discussão dos dados, esta seção está organizada em quatro tópicos: O tópico do cenário abolicionista pernambucano e a finalidade comunicativa das correspondências, que aborda o contexto de produção das correspondências (cartas pessoais, cartas de associações e bilhetes) com a temática abolicionista do século XIX; o das dimensões de tradição discursiva na composição das correspondências, tópico destinado à análise dos elementos constitutivo dos documentos; o das formas tratamentais encontradas nas correspondências abolicionistas enviadas a João Ramos; e, por último, o das abordagens dos traços de proximidade (imediatez) e distância comunicativa nas correspondências.

## **Cenário abolicionista pernambucano e a finalidade comunicativa das correspondências**

No ano de 1880, duas associações abolicionistas foram criadas em Pernambuco, as quais desempenharam um papel de centralidade no combate à escravidão. Elas reuniram os pernambucanos defensores do fim da escravidão e, também, estabeleceram conexões com o movimento abolicionista em diferentes províncias. Em agosto de 1880, o Club Abolicionista foi fundado por integrantes da Faculdade de Direito do Recife e, em setembro do mesmo ano, criou-se a Sociedade Nova Emancipadora, composta por pequenos comerciantes. Na década de 1880, o movimento abolicionista articulou-se de modo mais intenso para mobilizar diferentes parcelas da população, fosse rural ou urbana. As sociedades antiescravistas deram visibilidade ao tema da escravidão, que o governo intencionava ignorar. Segundo Alonso (2002, p. 284), as províncias brasileiras replicavam as manifestações políticas e culturais que aconteciam na Corte, e em Recife não foi diferente, pois era um lugar de bastante agitação contra as instituições imperiais. Além da conexão entre o movimento abolicionista do Recife e da Corte, é importante destacar o relacionamento estabelecido entre as sociedades antiescravistas de Pernambuco e do Ceará, pois foram importantes para radicalizar as atividades dos pernambucanos e para gerar desconfiança da elite local em questões políticas, como nas propostas para alterar a aplicação do fundo de emancipação provincial (CASTILHO, 2012, p. 84). Essa situação denota que o movimento abolicionista era marcado por ideias e procedimentos diversos por parte de suas lideranças. Ao perder seu caráter sigiloso, a Sociedade Nova Emancipadora foi renomeada para Club Cupim, no dia quinze de outubro de 1884.

O Club Cupim foi criado, na província de Pernambuco, com a finalidade de lutar, por todos os meios possíveis, pelo fim da escravidão. Ele serviu de espaço de luta política e de reconhecimento social para pessoas que não tinham poder político e/ou econômico. O Club Cupim era tido, pelos escravos, como a possibilidade mais desafiadora de conseguir a liberdade. Por meio de correspondências fragmentadas e quase diárias enviadas a João Ramos é que se demonstrava a força dos movimentos abolicionistas pernambucanos do século XIX. Muitas foram as correspondências enviadas a João Ramos, um exemplo disso está na Nova Emancipadora, que alcançou a marca de 300 petições escravas entre 1881-1884 (CASTILHO & COWLING, 2013, p.189).

As correspondências também converteram-se em suportes fundamentais para a circulação de notícias entre as associações abolicionistas da época. Elas foram bastante utilizadas como meio de comunicação entre as associações e

os seus membros, e seus pedidos foram inúmeros: sensibilizar o senhor dono de escravo ou envergonhá-lo publicamente; denunciar os maus tratos, ajudar financeiramente para completar o pecúlio, etc. O contexto de produção dessas cartas pode ser resgatado em cada página, inclusive pelos de modos de dizer que subvertem o modelo habitual do gênero, o que consiste, sem dúvida, em uma estratégia necessária para o registro das solicitações destinadas ao líder da associação secreta. De um modo geral, as temáticas recorrentes eram pedidos de ajuda para uma alforria, convites - quando as cartas eram enviadas por outras associações - e também relatos da violência que os escravos sofriam nas mãos de seus senhores de engenho.

A tradição discursiva bilhete é evocada em contextos informais, uma comunicação escrita entre pessoas que possuem um grau maior de proximidade. São práticas comunicativas que contêm mensagens simples, as quais são escritas em pequenos papéis e enviados por pessoas próximas a João Ramos, utilizando uma linguagem informal e coloquial, tendo como principal função a informativa. Normalmente eles são escritos em primeira pessoa, textos breves (mesmo assim há tema), com linguagem coloquial, que demonstra marcas da oralidade e uma estrutura livre, muitos são informativos.

Já as cartas de amigo, recebidas por João Ramos, são diversificadas, contêm expressões formulaicas de despedida e marcas linguísticas que denotam expressividade emocional, demonstra proximidade e, ao mesmo tempo, respeito em uma relação de amizade, evidenciado, por exemplo, no uso da forma de tratamento cerimonioso *Senhor*. A temática da carta ajuda e reforça a adequação das estratégias de verbalização às finalidades comunicativas, cujo intuito é demonstrar que o destinatário possui poder para ajudar o remetente no atendimento a seu pedido.

As associações abolicionistas da época também enviavam correspondências para o líder do Club Cupim, mandavam convites, tratando de conceder honorarias ou para assistir à festa de 25 de março, data da comemoração da libertação da província do Ceará. A função sociocomunicativa dessas cartas é chamar o destinatário a comparecer a algum evento específico ou a participar de algum movimento. Nelas encontram-se o cabeçalho da associação e o vocativo sempre cerimonioso- *Ilustrissimo Senhor*; no corpo da carta e na captação de benevolência, a forma de tratamento respeitosa adotada é *Vossa Senhoria*; na captação de benevolência são recorrentes construções como “Receba *Vossa Senhoria* os sinceros protestos da mais alta estima e consideração”, e o último movimento retórico é o desfecho da carta.

## Dimensões de tradição discursiva na composição das correspondências

As correspondências têm elementos rígidos. Seus componentes constitutivos são: local e data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto e despedida. O local e a data fazem parte dos traços mais fixos da carta, bem como o vocativo, que marca textualmente o interlocutor; a captação de benevolência pode aparecer em qualquer parte da carta, porém é mais frequente na abertura ou na conclusão; no corpo ou núcleo da carta é onde se encontra o motivo pelo qual ela foi escrita; a despedida geralmente é elaborada numa constituição formulaica e conta com a identificação do escrevente. A estrutura retórica tradicional das cartas auxilia na identificação de traços peculiares da relação entre os interlocutores, fundamental para a caracterização de cada tipo de correspondência que compõe a amostra.

- **Abertura:** fazem parte do contato inicial das cartas, o local, a data, a saudação e a captação de benevolência. Em alguns casos, como poderemos observar, local e data são inseridos no final da carta, não no início. Em relação a esses elementos contextualizadores, o local e a data, podem não estar na carta e foram recuperados com base em informações externas ao texto, nos arquivos públicos onde estão armazenados. Ainda sobre local e data, merece destaque a posição que esse elemento ocupa na sequência do texto, na maioria dessas cartas, está situado no início da folha. A esse respeito, pode-se concluir que os elementos contextualizadores se configuram como TD nas correspondências.
- **Vocativo:** faz parte do contato inicial das cartas, indicando o tipo de relação mantida entre os interlocutores, simétrica ou assimétrica. Na grande maioria das cartas, encontramos formas de tratamento mais íntimas (relação de parentesco entre os interlocutores) e os tratamentos mais cerimoniosos sugerem certa formalidade; todavia, pela natureza das informações trocadas e a intimidade da maior parte dos conteúdos, percebe-se o caráter informal das correspondências. Nas cartas de amigo, o vocativo pode incluir o nome do destinatário ou vir acompanhado de fórmulas de cortesia, como *meu amigo*.
- **Captação de benevolência:** pode ser encontrada nas cartas de amigo, nos bilhetes e nas cartas das associações; dependendo da natureza da correspondência, pode aparecer ou não. No bilhete e nas cartas enviadas pelas associações, sua ocorrência é rara, entretanto, nas cartas de amigo, aparece normalmente próxima à saudação inicial



ou na conclusão, pois, nesta amostra, poucas são as ocorrências no contato inicial das cartas de amigo, em virtude da finalidade comunicativa. A captação de benevolência, embora não seja item obrigatório na constituição das cartas de amigo, pode aparecer diluída no corpo do texto. Algumas correspondências apresentam traços típicos da captação de benevolência tanto na abertura quanto no fechamento do texto. De acordo com Souza e Gastaud (2012), a captação de benevolência é um elemento através do qual o escrevente apresenta seus sentimentos ou condição (humildade, generosidade, dependência, etc.) em relação ao destinatário.

- **Corpo do texto:** nesta espaço, encontra-se o motivo pelo qual o texto foi escrito (SILVA, 2017), portanto é a parte mais flexível da estrutura das cartas. O tema recorrente nesta amostra é o cenário de luta abolicionista em Pernambuco, no século de XIX. A subjetividade é percebida através das estratégias usadas no corpo da carta para que se chegue ao objetivo central.
- **-Despedida:** no fechamento das cartas, geralmente, são encontradas algumas recomendações, palavras cordiais e a assinatura. Usualmente, a despedida é “elaborada numa constituição formulaica, recorrente, conectada com a natureza do gênero e conta com a identificação” do escrevente (SILVA; GOMES, 2017, p. 62). Nas cartas de amigos, as despedidas são estruturas mais regulares que também podem apresentar elementos de captação da benevolência. Nos bilhetes, é mais comum que o fechamento só tenha a assinatura de quem está mandando, já nas cartas institucionais, a seção de despedida contém a assinatura do responsável pela associação e pode ter a captação de benevolência, porém não em todas. Através da despedida, notam-se os laços de afetividade.

### Formas tratamentais encontradas nas correspondências abolicionistas enviadas a João Ramos

Analisar as formas de tratamento em cartas pessoais é estudar a língua em uma situação concreta de interação. A escolha ou a restrição de determinados usos linguísticos é motivada a partir da intenção e do objetivo dos interlocutores em um ato comunicativo. Na produção de carta, à medida que acontece uma maior aproximação entre os missivistas, uma maior proximidade comunicativa, vão sendo incorporados aos textos as marcas de informalidade. Em outras palavras, é necessário conhecer os modos de dizer que regem a

organização desse tipo de construção textual, marcado por fórmulas recorrentes. A descrição e a comparação de textos de diferentes épocas comprovam a existência e a ocorrência de tradições histórico-discursivas e evidenciam as relações entre texto, língua e sociedade, possibilitando “saber em quais TD uma inovação é criada, como se difunde ao longo das TD, e também onde há TD resistentes às inovações, TD que preservam elementos que em outras TD não se usam mais” (KABATEK, 2006, p. 516; SILVA).

Rumeu (2004) discute que o pronome de tratamento *Vossa Mercê*, no Brasil, entre os séculos XVIII e XIX, está presente em cartas oficiais e não oficiais em um estágio intermediário de mudança no sistema pronominal e, muitas vezes, ainda se encontra a forma *Vossa Mercê*, em construções formulaicas próprias da natureza dos textos. A partir da análise comparativa, observa-se que, no vocativo das correspondências, foi utilizada uma forma nominal de tratamento bastante recorrente, *Senhor*, reiterando-se sua função por meio da repetição e da evocação. Essa é uma das tradições sociodiscursivas que são registradas até hoje no português brasileiro, ainda que atualmente seu uso tenha mais relevância estilística, com ênfase na tradição social. A necessidade dessa recorrência se dá para cumprir um protocolo de formalidade próprio das correspondências enviadas por pessoas que não eram tão próximas a João Ramos, distinguindo-se pelo modo de tratar, em função do status social do destinatário da petição e sua posição na sociedade abolicionista pernambucana. É preciso lembrar também que, nestas cartas, foram utilizadas, além da forma nominal *Senhor*, outras formas de tratamento que marcavam formalidade, como *Ilustríssimo Senhor*. O bilhete, por ter características informais, mais parece uma comunicação face-a-face, ignora o tratamento cerimonioso.

### **Abordagens dos traços de proximidade (imediatez) e distância comunicativas nas correspondências**

A carta pessoal favorece os estudos sobre variação e mudança por possuir um caráter íntimo e espontâneo, podendo situá-la no espaço (local) e no tempo (data); e, sobretudo, conhecer as escolhas/estratégias linguísticas, que podem dar pistas sobre o perfil social e sobre as relações sociais simétricas/assimétricas entre os escreventes (GOMES, 2014). Sobre isso, Costa (2012, p. 145) afirma que “[...] é o relacionamento entre os interlocutores que define o espaço que uma determinada carta pessoal poderá ocupar entre os diversos agrupamentos de cartas pessoais”, dentre elas, há bilhetes de escreventes ilustres e não ilustres, com alto e baixo grau de escolaridade, cartas institucionais e cartas de amigos.

Os parâmetros da distância comunicativa correspondem aos traços de fixação dos modos de dizer de um gênero textual. No caso das correspondências enviadas a João Ramos, sobretudo os bilhetes e cartas de amigo, os modos de dizer encontram-se no âmbito da escrituralidade, por outro lado, há marcas de imediatez comunicativa, que dispõe de expressões que revelam envolvimento, intimidade, emocionalidade. Já a carta institucional apresenta registros de fixidez dos seus modos de dizer, os quais impedem que haja a presença do viés emotivo em sua constituição, evidenciando marcas de distância comunicativa.

As características de uma carta mostram que ela se encontra no polo de distância comunicativa ou de proximidade. A comunicação possui elementos dos contextos situacional e sociocultural que precisam, na medida do possível, ser verbalizados. Das condições comunicativas correspondentes à imediatez e à distância resultam determinadas preferências por diferentes estratégias comunicativas e meios para que essa comunicação ocorra, considerando as relações sociais entre os interlocutores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho aborda as estratégias de verbalização das cartas enviadas a João Ramos, líder abolicionista de grande prestígio, no século XIX, em Pernambuco, a fim de traçar a historicidade e a tradicionalidade do gênero a partir da ampliação em qualidade e quantidade dos registros sócio-históricos e linguístico-discursivos que essas correspondências guardam em suas páginas acerca do cenário abolicionista pernambucano. É possível observar que, através das correspondências, o ato comunicativo acontecia em um entorno de lutas e resistência. Elas foram enviadas entre pessoas de diferentes níveis sociais e de escolaridade, com objetivos diferentes, mas focados na busca pela liberdade dos escravizados. O estudo mostrou que o corpus possui correspondências que transitam entre os polos da distância e da proximidade comunicativas. A análise foi feita a partir do vocativo usado, do conteúdo no corpo da carta, da seleção lexical. Não menos importante, é observar também a capatação de benevolência e o fechamento das correspondências.

As associações abolicionistas lideradas por João Ramos conseguiram libertar os escravizados, conceder a eles abrigo e proteção, e a troca dessas correspondências foi fundamental para o sucesso das ações de João Ramos, em Pernambuco do século XIX. Através deste estudo, foi possível também identificar as diferentes dimensões de tradição discursiva que compõem as correspondências destinadas a João Ramos, bem como suas finalidades

comunicativas e os elementos constitutivos das correspondências enviadas nos anos de 1881-1888, demonstrando algumas especificidades de cada gênero. Cada elemento da carta possui uma função específica, por isso, as estratégias de verbalização que compõem as tradições discursivas utilizadas remontam às lutas abolicionistas que marcam esse contexto de produção e registram a historicidade dos textos e da língua.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração. 1870 na crise do Brasil Império.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** Trad. por M. E. Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTILHO, C.; COWLING, C. Bancando a liberdade, popularizando a política: abolicionismo e fundos locais de emancipação na década de 1880 no Brasil. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 47, 2013. DOI: 10.9771/aa.v0i47.21281. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21281>. Acesso em: 18 abr. 2022.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de Jornais pernambucanos:** da forma ao sentido. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

KABATEK, Johannes. Sobre a historicidade de textos. Tradução de José da Silva Simões. **Linha D'Água**, n. 17, p. 159-170, 2005.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoría del Lenguaje. In: **Lengua Hablada en La Rómânia:** español, francés, italiano. Madrid: Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas:** conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Célia Regina dos Santos. **Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro:** definindo perfis comportamentais no início do século XX. São Paulo: **Alfa**, São Paulo, 55 (2): 361-392, 2011.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Caminhos da linguística histórica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCOTULIO, Leonardo L. **Língua e História: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010

RUMEU, Márcia Cristina de Brito. Para uma História do Português no Brasil: Formas Pronominais e Nominiais de Tratamento em Cartas Setecentistas e Oitocentistas. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2004, 286 fl. Mimeo.

SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina (Orgs.). **Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos**. Recife: Ed. dos Autores, 2012.

SOUZA, Crístiele Santos de; GASTAUD, Carla Rodrigues. **A escrita epistolar de Dom Joaquim e os tratados de epistolografia da Ars dictaminis: permanências e rupturas**. In: XI Encontro Nacional de História. Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande, 23 a 27 de julho de 2012.

TRAVASSOS, Tarcisia; FERREIRA, Priscilla Elizabeth Silva Costa . Cartas particulares: história das pessoas, da sociedade e da linguagem. In: SOARES, Thiago Nunes; GOMES, Valéria Severina (Orgs.). **Identidade e memória em manuscritos e impressos pernambucanos: língua, história e cultura através dos textos**. Recife: Ed. dos Autores, 2012, p. 25-32.